



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14384 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

PEDAGOGIA DOS SILÊNCIOS: EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES NA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

Cheron Zanini Moretti - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

Cristina Luisa Bencke Vergutz - UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

Everton Luiz Simon - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

PEDAGOGIA DOS SILÊNCIOS: EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES NA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo compreender as experiências das mulheres na Pedagogia da Alternância, a partir de suas relações com os "silêncios", em uma das EFAs da Região do XXXX XX XXX XXXXX, no Rio Grande do Sul, junto à uma universidade comunitária. Trata-se de uma pesquisa participante com mulheres que desempenham diferentes papéis sócio-históricos na referida escola-comunidade. Para identificar os silêncios, bem como para compreendê-los, analisamos e problematizamos os conteúdos dos diálogos na perspectiva freireana e feminista. Em particular, a de intransitividade ou a de transitividade da consciência (de ingênua à crítica) ante às diferentes situações em que se colocou em questão a produção e a reprodução da vida, os saberes existentes para/no trabalho e a agência das mulheres no contexto pedagógico. As vozes das mulheres revelaram a existência de uma Pedagogia dos Silêncios, qual seja, a de sentidos e de significações fundados na materialidade da vida cotidiana de cada uma delas. Tal pedagogia é compreendida como um direito de silenciar-se para pensar, criar e mediar: silêncios, portanto, como elementos fundamentais no processo de humanização das mulheres – sendo eles: estratégicos, como eco, luta e resistência.

Palavras-chave: Escola Família Agrícola, Educação do Campo, Agricultoras, Consciência.

Dos silêncios às vozes das mulheres: discussões iniciais. O presente trabalho é resultado de uma pesquisa que está vinculada à uma ação de extensão decorrente da articulação das Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) da Região do XXXX XX XXX XXXXX, no Rio Grande do Sul, junto à uma universidade comunitária. Temos como objetivo compreender as experiências das mulheres na Pedagogia da Alternância a partir de suas relações com os "silêncios". Por isso, caminhamos metodologicamente por uma pesquisa participante e feminista, em que se compreende que o saber é situado, duvidoso, temporal e tramado nas relações de poder. Conforme desejo manifesto das mulheres participantes da pesquisa, pudemos contar com estudantes das turmas no ano de 2020, estudantes egressas de anos anteriores, integrantes das famílias das/dos estudantes e de egressas/os, monitores-educadoras, esposas/companheiras dos monitores, além das integrantes da diretoria da Associação Gaúcha Pró-Escolas Famílias Agrícolas. Todas elas estão vinculadas à experiência pedagógica da EFA "XX", totalizando 21 participantes, cujos saberes co-produzidos foram sistematicamente restituídos ao longo de dois anos, nos círculos de culturas realizados com a mediação do *Google Meet*. É relevante mencionar que nos encontrávamos em um contexto de restrições sanitárias devido à pandemia do Covid-19, e que as plataformas digitais, como a mencionada, tornaram-se ferramentas imprescindíveis para o encontro e para o diálogo, em nosso caso, orientado por perguntas problematizadoras. Além dos círculos, assumimos o Diário de Campo como uma potente ferramenta para registro de informações e de apoio às reflexões sobre as experiências, auxiliando na rigorosidade metódica, na organização da curiosidade, dos silêncios e das vozes das mulheres. As informações e os dados foram sistematizados e analisados com base na análise do conteúdo. Segundo Franco (2003), esse tipo de análise envolve a interação entre o/a interlocutor/a e o/a locutor/a, o contexto social da sua produção, a influência ideológica, ou seja, a compreensão da não neutralidade nas relações, os impactos e efeitos que provocam os comportamentos, as ações e as condições que influenciam a materialidade da existência, a fim de captar a mensagem que expressa um significado e um sentido vinculados às condições contextuais de seus/suas produtores/as.

Notas sobre "silêncio" e "silenciamento". Para pensarmos o silêncio enquanto uma categoria de análise, partimos da compreensão de Paulo Freire. Segundo o autor (1996), no processo de humanização, é fundamental aos homens e às mulheres o direito de dizerem sua palavra, bem como o de se silenciarem. No entanto, a proibição da palavra implica em escravizar homens e mulheres à cultura do silêncio.

Tanto quanto a palavra, o silêncio é linguagem, já que todo processo de significação feita pelos seres humanos acontece por meio dela. Isto nos possibilita compreender o silêncio não como falta de linguagem ou de conteúdo, mas como funcionamento específico dentro da linguagem, da mensagem e seu respectivo conteúdo. Ou seja, trata-se do "silêncio em sua materialidade significativa" (ORLANDI, 2007, p. 63). De acordo com Orlandi (2007), o que difere o silêncio fundador - relação com a ideologia, as representações e compreensões de mundos produzidos pela presença histórica do sujeito - da política do silêncio é que o

primeiro tem um significado em si mesmo e o segundo tem uma divisão clara entre o que se diz e o que não se diz. O silêncio constitutivo, determinado pela característica fundadora do silêncio, ocorre quando, para "dizer algo", precisamos "não dizer outro"; desse modo, assume os sentidos formados pela inserção do sujeito em determinados discursos, compreensões e conhecimento. Assim, há palavras, bem como ideias e visões de mundo, que o sujeito compreende que precisam ou não serem ditas. Já o silêncio local é a "interdição do dizer". O silêncio, enquanto interdição, assume-se como política da palavra. A censura é uma simulação de silêncio, pois ela deseja e impõe o silêncio para impedir algo. É, portanto, silenciamento.

Para Freire (1996), o encontro político pedagógico de ensinar e aprender se dá na comunicação dialógica em que os sujeitos envolvidos, ao mesmo tempo que falam, exercem a escuta. Neste sentido, o silêncio permite a escuta de sujeitos que podem optar pela palavra ou pelo silêncio, e não sendo silenciado pelo autoritarismo de quem se considera "proprietário da verdade". Ou seja, o silêncio é democrático nas relações que se estabelecem entre os sujeitos, pois se aprende a falar escutando, mais bem o "silêncio intermitente de quem, falando, cala para escutar a quem, silencioso, e não silenciado, fala", assumindo-se como sujeitos e não como objetos tanto ao escutar quanto ao falar, numa linguagem comunicante e não de comunicados (FREIRE, 1996, p. 117).

A partir dessas notas sobre o silêncio e o silenciamento, compreendemos as experiências das mulheres na Pedagogia da Alternância - movimento permanente entre espaços e tempos escolares e nas unidades (re)produtivas das famílias de agricultores/as, como: "silêncio eco", "silêncio luta e resistência" e "silêncio estratégico".

O Silêncio Eco. Os diálogos com as mulheres nos levaram a considerar que o silêncio que se manifesta se trata de um silêncio que apresenta, conforme Freire (2018), a "intransitividade da consciência", ou seja, a materialidade de existência do sujeito que, imerso em sua realidade, ainda não consegue objetivá-la. Sua existência é condicionada à uma adaptação, à uma forma de vida não biográfica, uma vez que "falta-lhe teor de vida em plano mais histórico", o que justifica a sua incapacidade de apreender a realidade e, neste sentido, confunde a compreensão dos fenômenos da existência, faltando-lhe a "captação da causalidade autêntica" (FREIRE, 2018, p. 81-82).

O Silêncio Eco se materializa também no que Freire (2018) chama de "consciência transitiva ingênua", em que falta o pensar crítico. O que há são interpretações simplificadoras das condições, com compreensões prescritas, de auto subestimação. Como corporeificação das palavras pelos exemplos, as participantes apresentam a separação entre o trabalho leve e o trabalho pesado, orientados pelos/as monitores/as da EFA: "geralmente eles [monitores] botam as meninas porque costumam ter mais paciência de fazer aquilo (...). E tem a observação, né? A gente tem uma certa observação maior que os meninos". (LINDA, estudante, 2020).

Neste sentido, nas visitas às famílias, um dos 19 Instrumentos Pedagógicos da Pedagogia da Alternância da EFAXX, evidencia-se a separação de espaços e tempos de legitimação em dizer ou não a palavra. A voz de Maira explicita esse tipo de silêncio:

"com o pai é mais a parte de fora da casa, que é o que a gente conversa, parece que ele não se interessa, fica num 'isso é com a mãe'. Parece que o escrever, a teoria, é com a mãe. Mas fora de casa é o pai que orienta. Por exemplo, a horta é com a mãe, e a plantação de milho, fumo, o que é pra ser maior, é com o pai, a mãe não se envolve. E a fala do estudante vem muito ao encontro disso porque inclusive eles falam 'vou fazer a horta perto de casa, que é perto da mãe'. (MAIRA, monitora, 2020).

Assim, trata-se do silêncio que reproduz a lógica patriarcal, uma vez que insere as mulheres em determinados discursos, conhecimentos e crenças...seus silêncios soam como "ecos".

O Silêncio Luta e Resistência. Trata-se da opção consciente pelo "não dizer a palavra" para resistir e lutar por aquilo que acredita ou contra aquilo que se impõe. Esse silêncio é fruto da conscientização emergente da condição humana para superar a intransitividade da consciência ou a passagem da ingênua para a crítica. Nesse silêncio, as mulheres partilham saberes das experiências cotidianas para/na manutenção da vida, especialmente, na relação educação e trabalho. Conforme Sílvia e Catiúcia:

"Eu aprendi, em relação à existência, a me virar, com certeza, com a mãe. Se não fosse a mãe (...) eu ia morrer de fome! (...) a me virar com a louça, com roupa, limpar o apartamento, eu aprendi com a mãe." (SÍLVIA, egressa, 2020).

"Lá na escola é muito engraçado ver porque os meninos não conseguem nem cortar um repolho, eles picam "à moda facão" e aí eles dizem que não conseguem. Eles têm dificuldade de preparar as coisas (...). E, até pra lavar a louça tem uns meninos que não têm muita coordenação" (CATIÚCIA, estudante, 2020).

Desse modo, as mulheres agricultoras manifestam suas resistências e lutas de muitas maneiras: o cultivo de alimentos sem venenos, a organização de espaços separados de outras produções agrícolas existentes na propriedade, na maioria das vezes próximo à casa, pois os compreendem como sendo uma extensão da casa e, dessa forma, não separam os trabalhos de produção agrícola do trabalho doméstico/cuidado (PAULILO, 2013). De acordo com Bruna (egressa e monitora, 2020), "em casa, minha avó e minha bisavó, a questão da produção de alimentos sempre foi com as mulheres.". Portanto, percebe-se que os fazeres-saberes são transmitidos de geração para geração e ainda que desvalorizados economicamente e incompreendidos na esfera produtiva, representam resistência e luta.

O Silêncio Estratégico. Esse silêncio se materializa de forma pessoal ou coletiva como um *modus vivendi* que é transmitido pelas mulheres da família, a fim de proteger e resguardar os sujeitos da dor, do sofrimento e da violência. Compreendemos que o silêncio estratégico

emerge pela condição de desumanização imposta por situações-limites construídas à base de violências e que se caracterizam por uma acomodação e conformismo ao meio social e ambiental em que se encontram os sujeitos oprimidos.

Uma análise feminista leva-nos a compreender que a intencionalidade desse silêncio está em esconder as marcas, não apenas físicas, mas invisíveis que “destroem a auto-estima, a vontade de viver, aquelas que produzem fraqueza, dor e medo nas mulheres” (CARDOSO apud EGGERT, 2015, p. 81). É uma violência que distorce a vocação de cada uma em “ser mais”, instaurando nelas o “ser menos”. Assim, podemos compreender tal silêncio, a partir de Freire (2011), como sendo uma dependência emocional que os oprimidos desenvolvem em razão de uma “aceitação” fatalista da dominação que permite a “convivência” com os opressores - independente da consciência dos sujeitos. Esse silêncio atende à lógica necrófila do anti-diálogo, implica no desamor pela vida.

As mulheres se ocupam de cuidar dos corpos vulneráveis e também finitos, assim como da natureza, e, ao fazerem isto, explicitam a interdependência dos seres, não reconhecida como aquela que sustenta e garante a vida da espécie, como relata Angelita (mãe de egresso, 2020): “minha avó paterna teve oito filhos e criou praticamente os filhos sozinha. O meu avô foi tropeiro, então, não parava em casa. Ela teve que se virar (...) fazia de tudo, ela ia pra roça, e até tosquiava ovelha”.

Assim, a presença da avó paterna no mundo mostra tanto o seu trabalho de cuidados quanto a condição de seres interdependentes e ecodependentes. Estas são relações das quais necessitamos para manter a vida humana e não-humana, com intensidades e modos diferentes no transcorrer do cotidiano da vida (HERRERO, 2020).

Algumas considerações sobre a Pedagogia dos Silêncios

As vozes das mulheres revelaram a existência de uma Pedagogia dos Silêncios - constituída de sentidos e de significações fundados na materialidade de suas vidas cotidianas. Elas se movem no mundo pelo e com o saber da experiência feito, (re)produzindo e garantindo a vida, mesmo silenciando-se ou silenciadas.

Para identificar os silêncios e os silenciamentos presentes das/nas experiências destas mulheres na Pedagogia da Alternância, bem como para compreendê-los, foi importante analisar e problematizar os conteúdos dos diálogos na perspectiva freireana e feminista, em particular, a de intransitividade ou a de transitividade da consciência (de ingênua à crítica), ou seja, ante às diferentes situações em que se colocou em questão a produção e a reprodução da vida, os saberes existentes para/no trabalho-educação e a agência das mulheres no contexto pedagógico da EFAXX.

Há evidências experienciais, produzidas por essas mulheres, suficientes para desvelar outros silêncios e silenciamentos; da mesma forma que contribuem para entendermos que a

Pedagogia dos Silêncios não seria possível sem uma Pedagogia das Vozes - direito ao diálogo e de dizer a sua palavra.

Referências

EGGERT, Edla. Trabalho manual e debate temático: tramando conhecimentos na simultaneidade. In: NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (orgs). *Epistemologia, Violência e Sexualidade: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de Conteúdo*. Brasília: Plano Editora, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 50ª ed. 2011.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

HERRERO, Yayo. A vida em situação de guerra: coronavírus e a crise ecológica e social. In: ISLA, Ana, NOBRE, Miriam, MORENO, Renata, IYUSUKA, Sheyla Saori, HERRERO, Yayo. *Economia feminista e ecológica: resistências e retomadas de corpos e territórios*. São Paulo: SOF Sempre Viva Organização Feminista, 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2007.

PAULILO, Maria Ignez S. FAO, Fome e Mulheres Rurais. In: DADOS. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol.56, nº 2, 2013, p.285 a 310.